

# Composição, afixação, sintagmação

## Compounding, affixation, phrasal noun constructions

GRAÇA RIO-TORTO

*Universidade de Coimbra, DLLC, Celga-Iltec*

**Resumo:** A composição é um terreno fértil de reflexão e de polémica, estando no centro de algumas discussões teóricas sobre a arquitetura da gramática, do léxico, da lexicogénese e das interfaces entre léxico, morfologia, sintaxe. Neste texto exploram-se alguns dos limites internos e externos da composição, nomeadamente com a afixação —prefixação e sufixação (secção 3)— e com a sintagmação (secção 4). Observaremos de que modo os contornos entre composição neoclássica e afixação são marcados por significativa porosidade, traduzidas por mudanças no estatuto morfolexical de alguns radicais neoclássicos que tendem a assumir valor sufixal. Descrevem-se as diferenças entre compostos sintagmáticos  $[N_{prep}N]_N$  e sintagmas nominais com a mesma configuração, e avaliam-se as dimensões caracterizadoras dos compostos  $[N_{prep}N]_N$  das línguas românicas, com ênfase nos das línguas portuguesa, espanhola e italiana.

*Palavras-chave:* composição, prefixação, sintagmas, formação de palavras, morfologia, língua portuguesa, língua espanhola.

**Abstract:** Compounding is both a fruitful and a controversial field of research, and can be found at the center of a number of theoretical discussions on the architecture of grammar, of the lexicon, of lexicogenesis and the interface between lexicon, morphology and syntax. This study explores some of the internal and external boundaries of compounding, principally with affixation —prefixation and suffixation (section 3)— and with phrasal noun constructions (section 4). We will see how the boundaries between neoclassical

composition and affixation are marked by significant fuzziness, brought about by changes in the morpholexical status of certain neoclassical roots which tend to assume the value of a suffix. Differences are described between syntagmatic compounds  $[N_{prep}N]_N$  and phrasal noun constructions with the same configuration, and we evaluate the characteristic dimensions of syntagmatic compounds  $[N_{prep}N]_N$  of Romance languages, with an emphasis on Portuguese, Spanish and Italian.

*Keywords:* compounding, prefixation, syntagmatic structures, word formation, morphology, Portuguese, Spanish.

## 1. Introdução

A composição sempre foi e continua a ser um terreno fértil de reflexão e de polémica, estando no centro de algumas discussões teóricas sobre a arquitetura da gramática, do léxico, da lexicogénese e da interface léxico- morfologia-sintaxe.

Propomo-nos explorar alguns dos limites internos e externos da composição, nomeadamente os limites com a afixação —prefixação e sufixação (secção 3)— e com a sintagmação (secção 4). Observaremos de que modo os contornos entre composição e afixação são marcados por significativa porosidade, o mesmo acontecendo entre compostos sintagmáticos e demais expressões fixas.

Após esta primeira secção introdutória, apresentam-se em 2. algumas das concepções mais relevantes sobre a composição e traça-se uma panorâmica das principais classes de compostos, sublinhando o contributo da reflexão gramaticográfica portuguesa e românica para esse ‘estado da arte’.

Nas secções seguintes faz-se uma reflexão sobre concepções e interfaces da composição, nomeadamente as fronteiras externas com afixação —prefixação e sufixação (3.1 e 3.2)— e as fronteiras com sintagmação (secção 4). São tidos em conta os contributos da gramaticografia românica sobre o processo e as classes de composição, por contraste com o de outras famílias de línguas. No âmbito das fronteiras internas dos compostos (3.3), são discutidos aspetos desafiantes de alguns padrões de compostos neoclássicos.

Antes de avançar para o estudo mais específico, devo declarar alguns pressupostos de interesse sobre o meu posicionamento teórico. Com o passar dos anos, tenho valorizado menos os quadros teóricos do que os dados empíricos, pois estes permanecem e as teorias mudam. Mas não tenho dúvidas de que toda a análise é enformada por uma moldura teórica, e não quero escamotear tal realidade.

A história de gramática e do léxico já sobreviveu a vernaculismos, a enciclopedismo, a historicismo comparatista, a estruturalismos, a gerativismos, a lexicalismo, a distribuidismo. E mais teorias e dados haverá.

Até há uns anos atrás, antes do pensamento de R. Jackendoff e dos avanços em neurolinguística, defendia a existência de uma arquitetura modular e

interativa dos componentes da língua, o fonológico, o morfológico, o sintático, o semântico, o lexical, o pragmático. Para a formação de palavras, área polidimensional e interativa por excelência, todos são mobilizados, sendo que radicais e afixos são encarados como itens lexicais dotados de forma e de conteúdo semântico.

Na teoria lexicalista, que aqui se subscreve, a formação de palavras ocorre por um processo computacional dentro do Léxico, o qual tem capacidade gerativa e de armazenamento das unidades lexicais. A Morfologia Distribucional, que goza de hegemonia na atualidade, dispensa a existência do Léxico, pois a Sintaxe tem a capacidade de gerar produtos sintáticos e morfológicos à luz dos mesmos esquemas de construção. Os itens do vocabulário são encarados como expressão fonológica de morfemas abstratos e de raízes, o que parece muito redutor. A inexistência do Léxico/do Componente Lexical não se afigura compatível com os avanços em neurolinguística sobre Léxico mental. Qual o seu estatuto na arquitetura da gramática e da mente e se ele pode ser encarado como um sistema computacional dotado de regras próprias são questões nada consensuais, que se remetem para outra reflexão. Em todo o caso, também no seio da morfologia distribucional se preconiza a existência de um componente morfológico que assegura a boa formação morfológica das palavras.

Porque se trata de palavras lapidares que subscrevo e que enformam a reflexão em todo este texto, registro as palavras de Lieber & Scalise (2006: 21) sobre *'The Lexical Integrity Hypothesis in a New Theoretical Universe'*:

We assume [...] that the principles needed to construct phrases and sentences are distinct from the principles needed to construct complex words: in current parlance let us say that Syntactic Merge is different than Morphological Merge. Syntactic Merge produces phrases and sentences, and Morphological Merge produces words. However, there is a point of contact between them, in that languages can allow word formation of certain sorts to Merge syntactic phrases. It is possible, as well, that sentences and phrases can be 'downgraded' to words as part of a process of grammaticalization. The interaction that we seem to need might be stated in the following principle:

(46) The Limited Access Principle: Morphological Merge can select on a language specific basis to merge with a phrasal/sentential unit. There is no Syntactic Merge below the word level.

## **2. Um pouco de história: o contributo da reflexão gramaticográfica românica para o estudo da composição**

Muito do que hoje pensamos e dizemos sobre composição está já exposto na obra de Bustos Gisbert (1986) e alguns conceitos que usamos como se fossem

novidade do século XX já figuram na tradição gramatical, a quem presto aqui um tributo que entendo merecido. Os conceitos de ‘compostos pluriverbais’ e de ‘composição multipalavras’ aparecem, respetivamente, em Jerónimo Soares Barbosa (1822) e em Vasconcelloz (1990), a par com concepções mais tradicionalistas de ‘composição/compostos por prefixação’.

Pode considerar-se obsoleta a referência a autores dos séculos passados, mas partilho de opinião de Bosque (1997: 13) de que «Los grandes gramáticos que ha dado nuestra lengua están ahí para estimularnos en la inacabable tarea de conocerla mejor. No debemos abrir las gramáticas como quien abre un álbum de fotos, ni debemos estudiarlas como quien estudia derecho romano. A nosotros nos corresponde servirnos de ellas y tratarlas con justicia: ni como dogmas ni como antiguallas, sino como espléndidas fuentes de inspiración y de estímulo para todos los que tenemos alguna relación profesional con el idioma».

Vamos observar de que modo, do século XVI até ao presente, a reflexão gramaticográfica portuguesa e ibérica contribui, com perspetivas diversas, para o estudo da composição. Foram selecionados estudiosos por nós considerados representativos dos diferentes cenários históricos e conceptuais, e promotores de conhecimento novo para a época que os precede.

A análise do pensamento e das concepções sobre a composição, sobretudo do século XVI ao século XIX, não revela uma relação de homologia estreita entre (i) os fundamentos e pressupostos da filosofia gramatical quinzentista, enciclopedista, historicista-comparatista, ou até mesmo estruturalista e (ii) diferentes abordagens da composição, tal como a entendemos hoje. Esses reflexos fazem-se sentir mais no âmbito da prefixação, e não tanto especificamente no da composição. Até ao século XX, os padrões de composição pareciam inexistir, a composição pareceu ser durante muitos séculos desprovida de regularidades, sendo estas restritas à sufixação e, em menos escala, à prefixação. Curiosamente também a idiomaticidade, a plasticidade, a figurabilidade, tão presentes em tantos produtos da composição, também foram silenciadas, pelo menos até meados do século passado.

## **2.1 Palavras “juntas” ou “compostas”: composto como equivalente a ‘complexo’**

Na primeira gramática da língua portuguesa (1536), de Fernão de Oliveira, mais do que reflexão sobre a composição ou sobre a derivação encontramos reflexão sobre a composicionalidade das palavras complexas: as palavras compósitas, a que chama dicções “juntas” ou “compostas”, envolvem a adjunção de dois ou mais constituintes lexicais aos quais se pode atribuir

significação, como *aquelloutro*, *contrafazer*, *refazer*, *desfazer*, que resultam da combinação de *fazer* com os prefixos *contra-*, *re-* e *des-*. Tal como na gramaticografia antiga, o adjetivo ‘compostas’ aplicado a dicções faz sobrepor composicionalidade e composição, conceitos que modernamente são totalmente separados e distintos. Oliveira, como Nebrija (1492), adoptam a tipologia de Dionísio de Trácia, que diferencia, em função da *specie*, nomes primitivos de derivados e, em função da *figura*, nomes simples de ‘compostos’, em que ‘compostos’ equivale a morfologicamente complexos.

## 2.2 Composição inclusiva da prefixação vs. composição disjunta da prefixação

Na gramaticografia portuguesa, como na de outras línguas, durante largos séculos a prefixação foi considerada como um sub-sector da composição, o que alarga enormemente o âmbito desta (cf. Quadro seguinte).

Prefixação € incluída dentro da <b>composição</b>	Prefixação € incluída dentro da <b>derivação</b>
Jerónimo Soares Barbosa (1822), J. Grimm (1826), A. Bello (1847), Theofilo Braga (1876), Carl von Reinhardstoettner (1878), A. R. Vasconcellos (1900), Othoniel Mota (1917), José J. Nunes (1919), Alemany Bolufer (1930), R. Seco (1930), Mattoso Câmara Jr. (1975)	M. Said Ali (1931), Joseph Huber (1933), H. Marchand (1960), E. Bustos Gisbert (1986), M. Seco (1972), S. Scalise (1992), F. Rainer & S. Varela (1992), G. Rio-Torto (1993), Lang (1997), Val Álvaro (1999), S. Varela & J. Martín García (1999), G. Booij (2009), L. Bauer (2001), F. Montermini (2010), C. Buenafuentes de la Mata (2010), I. Moyna (2011), S. Ribeiro (2010), E. Guevara (2012), A. Bisetto (2015)

QUADRO 1. Prefixação **dentro e fora** da composição

Curiosamente, na gramática da língua portuguesa de João de Barros (1540) a **composição** é descrita como envolvendo “duas partes” significativas (como em «rede-fole», «arquibanco», «torçicólo»), e há referência a construções envolvendo uma preposição e um nome («*trâspé*, de *trás* e *pé*»), estando a preposição omissa.

Na sua *Deutsche Grammatik* (1826) Jacob Grimm considera a prefixação como uma secção da composição, encarando os produtos como *Präfixkomposita* (compostos prefixados). Para uma descrição representativa da concepção inclusiva da composição seleccionámos a de Othoniel Mota (1917: 61): «a formação por sufixos recebe [...] o nome de *derivação própria*; [...] a formação por meio de prefixos denomina-se *composição*». Andrés Bello (1847: §90/58), embora inclua ainda a prefixação na composição, já anuncia os compostos *tornaboda*, *vaivén*, *pelirrubio*, *alicorto*.

Esta concepção majorada de composição só terá paralelo na concepção maximalista da composição, quando esta inclui os 'lexical phrases' (cf. secção 4).

Na gramaticografia sobre a língua portuguesa será com Manuel Said Ali (1931) que a prefixação é encarada como subclasse da derivação, desvinculando-se assim da esfera da composição. Segundo Bustos Gisbert (1986), este avanço ocorre na sequência da investigação estruturalista desencadeada por Saussure.

### 2.3 Concepções morfológica e sintaticista da composição

Na história da reflexão sobre a composição domina de forma impressiva a concepção sintaticista da mesma, por contraste com uma concepção que poderíamos denominar de morfológica.

A **concepção morfológica** está presente em Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1916: 42): «A derivação e a composição constituem um capítulo, bipartido, da *Morfologia*, da parte dos estudos linguísticos em que se trata da estrutura dos vocábulos, em oposição [...] àquela que trata da estrutura das proposições: *Syntaxe*». Esta concepção está igualmente presente em Scalise (1992), Val Álvaro (1999), Buenafuentes de la Mata (2010), Ribeiro (2010), Rio-Torto & Ribeiro (2012), Bisetto (2015), entre outros.

São expoentes da **concepção sintaticista** Darmesteter, Benveniste e Bally.

- (i) Darmesteter, na introdução ao *Traité* (1894[1874]:5), explicita que «Les rapports qui unissent la composition à la syntaxe sont trop évidents [...]. Un mot composé est une proposition en raccourci».
- (ii) Bally (1944: 98) aproxima-se desta linha de pensamento ao dizer que os verdadeiros compostos do francês «se rapprochent sensiblement des groupes syntaxiques, dont ils sont séparés par de très fines nuances» e que a classe dos compostos deve ser encarada «comme la transformation d'un type d'énoncé syntaxique libre».
- (iii) Benveniste (1967: 160), nos «Fondements syntaxiques de la composition nominale», reclama a necessidade de «envisager les composés non plus comme des espèces morphologiques, mais comme des organisations syntaxiques. La composition nominale est une micro-syntaxe. Chaque type de composés est à étudier comme la transformation d'un type d'énoncé syntaxique libre». Ao rejeitar que a composição deva ser incluída na formação de palavras, preconiza uma área específica de 'métamorphisme', que comporta os processos de transformação de algumas classes em outras.

Como veremos em 4, no presente é sobretudo em relação aos compostos sintagmáticos (cf. Di Sciullo & Williams 1988: caps. 2-4: 24 e 79) que mais se

ênfatisa a sua natureza sintática, o mesmo não acontecendo com os compostos morfossintáticos ou com os morfológicos, como acontecia até ao primeiro quartel do século XX.

Um dos autores com um pensamento singular é H. Marchand, considerado por muitos como o pai da moderna teoria da formação de palavras. No seu livro de 1960, revisto em 1969, atribui à formação de palavras um lugar próprio na teoria e no funcionamento da língua e desloca o tradicional ponto de vista histórico-comparativo para uma abordagem sincrónico-diacrónica e processualista da formação de palavras. A sua concepção sobre os produtos (mas não os processos) da formação de palavras é sintaticista, mas reconhece que um composto sintético (*blackbird*, *householder*) deve ser morfológicamente distinto de um sintagma como *black market*.

Di Sciullo & Williams (1988: caps. 2-4: 24 e 79) distinguem:

- (i) “morphological objects”, como [*apple<sub>N</sub> pie<sub>N</sub>*], [*bar<sub>N</sub> tend<sub>V</sub>*]<sub>V</sub>, [*jet<sub>N</sub> black<sub>A</sub>*]<sub>N</sub> e
- (ii) “syntactic words”: fr. VN (*essuie-glace*), VA (*gagne-petit*), VAdv (*lève-tôt*) e VPrep (*saute-dessus*).

Ambas as classes, independentemente de a estrutura ser mais ou menos sintagmática (*phrasal*, em inglês) ou mais ou menos morfológica, são unidades lexicais, isto é, unidades capazes de funcionarem como núcleos lexicais em sintaxe, e são caracterizadas pela atomicidade sintática, tendo portanto as propriedades essenciais para a definição de palavras ou ‘syntactic atoms’, na concepção destes autores.

Em suma, a concepção mais ou menos sintaticista/morfologista varia, respetivamente, com o quadro teórico mais gerativista/distribuidista ou mais lexicalista adoptado.

## 2.4 Classes de composição

### 2.4.1 Darmesteter (1877)

Darmesteter (1877) preconiza três grandes classes de composição: (i) por justaposição, (ii) com ‘partículas’ (Adv/prep.) e (iii) por aposição; contudo, acaba por reconhecer a existência de uma quarta classe, a das ‘locuções por justaposição’, que assim completam o contínuo das construções em análise (cf. quadro seguinte).

O critério distintivo das diferentes subclasses é a existência ou não de elipse.

Sem elipse/ 'mais sintáticos'		Com elipse/assintáticos	
Compostos por justaposição	Locuções por justaposição <sup>1</sup>	Compostos com 'partículas' (Adv./prep.)	compostos por aposição (os 'verdadeiros' compostos)
. <i>justaucorps</i> , <i>gendarme</i> , <i>plafond</i> , <i>piédestal</i> . <i>arc-en-ciel</i> , <i>champ de mars</i> , <i>corps de garde</i> , <i>pomme de terre</i> , <i>rez-de-chaussée</i>	. <b>AN</b> : <i>centre droit</i> , <i>libre-penseur</i> , <i>haute-cour</i> . <b>NN/ NV</b> , l'un régissant l'autre: <i>chemin de fer</i> , <i>juge de paix</i> , <i>machine à vapeur/à coudre</i>	<b>Adv.+N</b> : <i>arrière-cour</i> ; <i>contr'ordre</i> , <i>bien-heureux</i> , <i>mal-aise</i> , <i>sur-abondance</i> <b>Prep+N</b> : à-compte, contre-poison <b>Prep+V</b> : <i>pour-boire</i>	. <i>artiste-danseur</i> ; <i>bateau-mouche</i> , <i>chou-fleur</i> ; <i>café-concert</i> . <i>timbre-poste</i> , <i>cas-sujet</i> , <i>cas-régime</i> . <i>aide-mémoire</i> , <i>cache-nez</i> , <i>compte-gouttes</i> , <i>porte-plume</i>

QUADRO 2. Compostos com e sem elipse em Darmesteter (1877)

As mesmas classes se aplicam à composição de base latina ou de base grega (Darmesteter 1877: 218-229 e 238-249), sejam os compostos sintáticos ou assintáticos (*omniconvenance*, *cauliforme*, *lamelipède*, *clavicorde*, *insecticide*, *vélocifère*, *ovivipare*, *insectivore*, *antropomorphe*, *bionomie*, *céophagie*, *cystalgie*, *cystipathie*, *cystilitique*, *laryngalgie*, *laryngotomie*), e os compostos por partículas (preposições e advérbios).

#### 2.4.2 Benveniste (1966)

Benveniste (1966) distingue compostos, conglomerados e sinapses (do grego σύναψις).

- (i) **Compostos** — sintagmas predicativos convertidos em N/A, como *meurt-de-faim/morto de fome*
- (ii) **Conglomerados**: locuções adverbiais mais ou menos lexicalizadas, como *dorénavant* (= d'or en avant), *désormais* (= dès or mais)
- (iii) **Sinapses**: grupo de lexemas que forma uma designação constante e específica (Benveniste 1966: 172): *pomme de terre*, *robe de chambre*, *clair de lune*, *modulation de fréquence*, *avion à réaction*

Observemos agora os tipos de composição disponíveis em documentos de referência para o espanhol.

#### 2.4.3 Composição no site do Instituto Cervantes

No site do Instituto Cervantes a secção *Sobre la formación de palabras en español*, de L. A. Hernando Cuadrado (cf. <http://cvc.cervantes.es/ense->

<sup>1</sup> Estas são assim caracterizadas (Darmesteter 1877: 125): «La réduction des éléments composants à l'unité est l'oeuvre du temps et de l'usage. [...] il arrive que des expressions flottent entre deux états, n'étant pas assez simples pour devenir de véritables juxtaposés, étant trop simplifiées pour n'être pas considérées comme des locutions spéciales. Les expressions qui présentent cet état intermédiaire peuvent se désigner sous le nom de locutions par juxtaposition».

nanza/biblioteca\_ele/asele/pdf/07/07\_0255.pdf, Secção 1, p1.) descreve a composição do seguinte modo: «La composición, consiste en la formación de palabras mediante la combinación estable de otras ya existentes en la lengua (o de una palabra o una base ya existente y una raíz afija griega o latina o bien de dos raíces afijas griegas o latinas, de una raíz afija griega y otra latina o viceversa), se sirve de varios procedimientos, como la sinapsia, disyunción, contraposición y aglutinación».

Os tipos de composição assentam em graus de lexicalização, de fusão ou de independência dos elementos, na origem dos mesmos e nos padrões de combinatória. São os seguintes os subtipos:

- (i) **Sinapsia:** «los elementos léxicos que entran en la formación de la unidad superior, escritos separadamente, se unen generalmente mediante la preposición **de** (*letra de cambio, traje de luces, máquina de escribir*) o, en algunos casos, con **a** (*avión a reacción, mando a distancia, olla a presión*) u otras con **con** (*café con leche*), **sobre** (*hockey sobre patines*) o **en** (*tres en raya*)».
- (ii) **Disjunção** «los elementos léxicos integrantes, aunque tampoco se han soldado gráficamente, presentan un grado de lexicalización mayor, y responden a la estructura de N + Adj (*cajero automático, escalera mecánica, opinión pública*) o de N + N: *cartón piedra, pájaro mosca, pez espada*».
- (iii) **Contraposição:** «que representa un grado más elevado de lexicalización, los dos elementos léxicos se escriben con la fórmula N-N (*café-teatro, escuela-taller, sofá-cama*) o Adj-Adj: *franco-prusiano, germano-soviético, catalano-francés*».
- (iv) **Aglutinação:** o tipo mais caudaloso, pois inclui a composição neoclássica, e é descrito como implicando fusão total e lexicalização dos elementos. Alguns exemplos arrolados são: *telaraña, aguardiente, agridulce, vanagloria, hincapié, menospreciar, maniatar, malcontento, ganapierde, porque, aunque, siquiera*.

Como se observa no quadro seguinte, alguns exemplos das subclasses de aglutinação propostas neste site, nomeadamente os de natureza gramatical (*aunque, cualquiera, porque, siquiera*) foram efetivamente formados por aglutinação mas já não são hoje percebidos como compostos, estando totalmente cristalizados. Já assim não deve acontecer com *carricoche* e *agridulce*, certamente ainda percebidos como compostos.

Adjunção de 2 peças gramaticais		Adjunção de mais de 2 peças	
Esquemas	Exemplos	Esquemas	Exemplos
[Prep + Conj] <sub>Conj</sub>	<i>porque</i>	[V + v + V] <sub>N</sub>	<i>chuf্লাibailas</i>
[Conj + V] <sub>Conj</sub>	<i>siquiera</i>	[V + V + y + V] <sub>N</sub>	<i>correveidile</i>
[Adv + Pron] <sub>Conj</sub>	<i>aunque</i>	[V + Pron + Pron] <sub>N</sub>	<i>sabelotodo</i>
[Pron + V] <sub>Pronome</sub>	<i>cualquiera</i>	[V + Pron + V] <sub>N</sub>	<i>hazmerreír</i>
Adjunção de 2 peças léxicas		[V+Pron+Prep+Pron] <sub>N</sub>	<i>metomentodo</i>
[N + N] <sub>N</sub>	<i>carricoche</i>	[Adv + Pron + V] <sub>N</sub>	<i>bienmesabe</i>
[Adj + Adj] <sub>Adj</sub>	<i>agridulce</i>		

QUADRO 3. Subclasses de aglutinação no *site* do Instituto Cervantes

Relativamente aos compostos neoclássicos, Hernando Cuadrado (Secção 1, p. 2) propõe uma descrição muito eficaz dos mesmos, em quatro subclasses (exemplos do autor):

- (i) raíz prefixal grega ou latina e palavra espanhola (*cosmonave, pluriempleo*)
- (ii) raíz prefixal grega ou latina e base espanhola (*petrolífero, carnívoro*)
- (iii) raíz prefixal e raíz sufixal gregas ou latinas (*teléfono, filiforme*)
- (iv) raíz prefixal grega e raíz sufixal latina (*automóvil*) ou raíz prefixal latina e raíz sufixal grega (*hispanofilia*)

#### 2.4.4 Val Álvaro (1999)

Val Álvaro (1999), num estudo pormenorizado e extenso sobre os compostos do castelhano, distingue os compostos com base (i) na classe lexical dos constituintes (NN, AA, VN, Adv.V, NprepN), (ii) nas relações (coordenação, subordinação) que os elementos mantêm entre si e (iii) no carácter endocêntrico ou exocêntrico do núcleo. As classes mais representadas são:

- (i) NN: coordenativos (*café-teatro*) e subordinativos (*hombre anuncio*)
- (ii) AA (*boquiaberto, hispanohablante, cardiorrespiratoria*)
- (iii) VN (*abrecartas, sacacorchos*)
- (iv) Compostos nominais com temas grecolatinos (*fratricidio, galvanometría*)
- (v) Composição sintagmática
  - a. Con sintagma preposicional [Nprep N]: *crimen de guerra, diente de leche, bautismo de fuego*
  - b. De un sintagma nominal [NA]: *balanza comercial, medias palabras, medias tintas, Santo Oficio*
  - c. Estructuras sintagmáticas fixadas de sintagma verbal: *perder la cabeza, andar con pies de plomo*

### 2.4.5 Manuel Said Ali (1931)

Recuamos no tempo para explicitar as classes de combinações categoriais possíveis no âmbito da composição propostas por Said Ali (1931), o gramático da língua portuguesa que autonomiza a prefixação da composição, excluindo-a do campo desta.

Composição: combinações possíveis	Exemplos
Substantivo + substantivo	<i>caixeiro-viajante, carro-dormitorio, couve-flor, papel-moeda, parede-mestra</i>
Substantivo + prep. + substantivo	<i>arma de fogo, estrada de ferro, mestre de cerimonias, menina dos olhos, pai de familia, pe-de-gallinha, pe-de-cabra</i>
Substantivo + adjetivo	<i>amor proprio, aguas furtadas, arma branca, cabra-cega, Idade-Media, mãos-rotas, obra prima, sangue frio</i>
Adjetivo + substantivo	<i>alto-forno, baixa-mar, bellas-artes, livre-pensador, meia-idade, meia-noite, meio-dia, preia-mar</i>
Adjetivo + adjetivo	<i>azul marinho, claro-escuro, luso-brasileiro, surdo-mudo, verde escuro</i>
Pronome + substantivo	<i>Nossa Senhora, Sua Santidade, Vossa Alteza, Vossa Senhoria</i>
Numeral + substantivo	<i>bisavô, bisneto, trigemeo, tres-folhas, mil-homens, segunda-feira</i>
Com advérbios <i>mal</i> e <i>bem</i>	<i>bendizer, bemquerença, bem-intencionado, mal-aventurado, mal criado, mal-intencionado, maldizer, malfeitor, maltratar</i>
Verbo + substantivo	<i>beija-flor, ganhapão, guarda-roupa, lava-pes, mata-mouros, passatempo, quebra-mar, saca-rolhas, tiradentes, trocatintas</i>
Verbo + verbo	<i>corre-corre, ganha-perde, vaivém</i>

QUADRO 4. Composição: classes de combinações categoriais possíveis (Ali [1931] 1971)

### 3. Afixos e constituintes neoclássicos: problemas de fronteiras

As fronteiras entre afixos e constituintes eruditos de compostos ‘de padrão neoclássico’ sempre foram objeto de indagação e de controvérsia. Os radicais eruditos dos compostos (*antrop(o)-*, *cardi(o)-*, *hidr(o/i)-*, *quir(o)-*, *vin(o/i)*) e os prefixos comungam algumas propriedades (cf. Kastovsky 2009), mas, como veremos, as mudanças no estatuto de alguns constituintes têm tornado porosa a identidade de uns e de outros.

Uma posição extremada a este respeito é a de Walter von Wartburg (1951: 158) que afirma: «Entre derivación y composición no existe, desde un punto de vista histórico, un límite preciso. Un sustantivo puede desgastarse poco a poco semánticamente y degradarse hasta convertirse en sufijo. Composición

y derivación están, por tanto, la una con respecto a la otra, en una relación de continuidad histórica. La derivación es, por tanto, una composición desgastada y extendida por la analogía». Não obstante a relação de continuidade histórica entre derivação e composição, não é legítimo considerar a derivação como um processo de composição atingida pela erosão, dado o potencial de produtividade e de autonomia da derivação face à composição.

A relação de continuidade entre afixos/afixação e radicais encontra-se plasmada no quadro seguinte, que traduz o pensamento de Baker.

<----->

AFIXO	Neoclássico	Preso	Livre
	RADICAL		

QUADRO 5. *Continuum* afixo-radical proposto por Baker (2000)

### 3.1 Fronteiras com prefixação

Até certo momento os prefixos foram encarados como preposições, pelo que a prefixação se incluía dentro da composição (cf. Alemany Bolufer 1930, Mattoso Câmara Jr. 1975), como se observa no Quadro 1. A ruptura dá-se quando a prefixação se autonomiza da composição (cf. Rio-Torto 2014b), e tal acontece, na gramaticografia de e sobre língua portuguesa, com Said Ali 1931.

O percurso conceptual pode ser sumariado através do seguinte esquema:

Prefixação: subclasse das preposições > prefixação dentro da composição > prefixação diferente da  
composição

QUADRO 6. Percurso evolutivo do estatuto dos prefixos

Para Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1916: 86) o estatuto da prefixação é híbrido, pois ocupa um lugar de fronteira entre a afixação e a composição: «A prefixação tem o seu lugar entre a sufixação e a composição. [...]. Parece-se com a composição por unir duas ou mais palavras independentes, afim de representar uma ideia nova. A independência das palavras que costumam servir de prefixos não é todavia absoluta. Maior e positiva nos advérbios (*bem, mal, não, mil*), e em adjectivos com funções de advérbios (*bom, mau*, reduzido a *má, gran, sant, recem*, etc.) ela é menor e quasi nula nas preposições».

Das palavras de C. Michaëlis de Vasconcelos depreende-se que há lugar a uma escala de (in)dependência dos formantes morfolexicais do seguinte tipo:

Independência total de cada palavra na composição	Maior independência		Independência quase nula
	nos prefixos de origem adverbial	em adjetivos com função de advérbio	
duas ou mais palavras independentes	<i>bem, mal, não, mil</i>	<i>bom, mau</i> , reduzido a <i>má, gran, sant, recém</i>	Prefixos com origem preposicional

QUADRO 7. Escala de [±dependência] dos formantes morfolexicais à luz do pensamento de C. Michaëlis de Vasconcelos.

Para C. Michaëlis de Vasconcelos, a composição implica, portanto, a adjunção de duas ou mais palavras e a construção de um produto conceptual novo.

Em Rio-Torto (2014b) facultam-se várias tabelas que ilustram a trajetória da evolução conceptual relativa ao estatuto dos prefixos na gramaticografia de língua portuguesa. Na tabela 19. apresenta-se um Quadro comparativo

- das #16# Preposições que podem funcionar como prefixos em Barbosa 1822,
- dos Prefixos #24# que entram em compostos em Vasconcellos 1990,
- dos #19# Elementos com valor prefixal em Nunes 1919,
- dos #23# Prefixos elencados por Michaëlis de Vasconcelos 1916,
- dos #21# Prefixos listados por Said Ali 1931.

Com Said Ali inicia-se um novo paradigma de abordagem da prefixação e, por consequência, também da composição. Segundo o autor, essa era a perspectiva dos neogramáticos, que ele secunda: «A divisão em derivação sufixal e prefixal que aqui fazemos e adoptamos [...] coincide com a maneira de ver de Meyer-Lübke, Nyrop e outros modernos linguistas, contrariando portanto aqueles que excluíam ou excluem do conceito de derivação os prefixos e todas as palavras formadas com prefixos» (Said Ali, 1931: 292).

Marta Torres (2009, cap III, Tabla 9) mostra como o número de prefixos nos dicionários académicos espanhóis cresceu de 15 (DRAE 1791) para 76 (DRAE 2001), pelo que o campo da composição ficou liberto destes para se concentrar em outros constituintes. Mas só a partir de 2001 nos dicionários espanhóis a prefixação sai fora do escopo da composição.

Das propriedades escalares que diferenciam prefixos de constituintes presos de compostos (Rio-Torto 2014a), destacam-se:

- a nuclearidade lexical e a subsequente subespecificação categorial ([[vino]<sub>N</sub>terapia]<sub>N,N</sub>, [[vini]<sub>N</sub>cultura]<sub>N,N</sub>, [[vín]<sub>N</sub>+ico]<sub>A</sub>, [[vin]<sub>N</sub>+ificar]<sub>V</sub>), só inerente aos constituintes de compostos, e da qual estão excluídos os prefixos
- a possibilidade combinatória adjacente com sufixos (*hídr+ico*, *hídr+ificar*), só possível com constituintes presos de compostos, e não com prefixos (\*pré-izar)

- a maior combinatória multicategorial dos prefixos (*pré-época*, *pre-construído*, *pre-anunciar*), face às maiores restrições de seleção dos constituintes presos de compostos

### 3.2 Fronteiras com sufixação

A proximidade da composição com a sufixação torna-se hoje em dia muito evidente com a lexicalidade e a gramaticalização acrescidas de alguns radicais grecolatinos.

Alguns dos radicais greco-latinos que ocorrem em posição sufixal acusam crescente autonomização: outrora presos, como *-logo*, *-grafo*, *-latra*, *-metro* estão a ganhar autonomia e gramaticalização acrescidas, levando alguns estudiosos (cf. Gonçalves 2011b) a considerar que estamos perante casos de res-semanticização e de um funcionamento próximo do sufixal. Assim, no presente *-ólogo* denota ‘especialista’ (*alergólogo*, *cigarrólogo*, *epidemiólogo*, *leprólogo*, *museólogo*, formas entradas nos secs. XX e XXI), *-ólatra* significa ‘amante, adicto’ (*cervejólatra*, *cinemólatra*, *dinheirólatra*, *mulherólatra*, *musicólatra*, *trabalhólatra*), *-ógrafo* ‘estudioso’ (*museógrafo*, *siglógrafo*, *tragediógrafo*), *-ómetro* ‘medidor’ (*imposturómetro*, *loucómetro*, *bafómetro*). Estes constituintes gramaticalizam-se de forma crescente e combinam-se com bases vernáculos como *alcoólatra*, *caféólatra*, *Kartólatra*, *shoppólatra*, *surfólatra*, *imposturómetro*, *loucómetro*, *bafómetro*, *coolómetro*, medidor de ‘cool’.

Dois outros radicais greco-latinos presos que vão ganhando maior lexicalidade e autonomia são *-cracia* e *-pedia*. *-Cracia* está presente não apenas em compostos eruditos, como *cleptocracia*, *plutocracia*, *teocracia*, mas também em nomes formados nos séculos XX e XXI, nos quais equivale a ‘poder excessivo (e muitas vezes obtido de forma pouco ortodoxa)’, como *amigalhaçocracia* (cf. *Expresso revista* 2237, 12 setembro 2015: 28), *bancocracia*, *clerocracia*, *demonocracia*, *partidocracia*, *pedantocracia*, *pimboocracia*, *pornocracia*. Também o mesmo se verifica com *-pedia*, há muito registado com sentido parcialmente diferenciado do original (cf. a denominação *Wikipedia*) e agora transformado em radical dotado de maior autonomia em neologismos do português, como *dicapedia*, nome que ocorre em folheto promocional denominado DICA, dos supermercados Lidl: a *dicapedia* é um pequeno glossário explicativo de denominações ou de conceitos-chave constantes numa dada edição da DICA.

### 3.3 Fronteiras dos radicais em posição prefixal e sufixal

A formação de compostos cultos/neoclássicos ocupa um lugar essencial na renovação das línguas técnicas e dos seus tecnolectos. Como Pena & Cancela

(2016: 234) sustentam, muitos dos compostos neoclássicos dos léxicos de especialidade do nosso tempo são anglogrecismos ou galogrecismos/anglocultismos ou galocultismos. Todavia, os constituintes e os padrões de formação são análogos aos das línguas clássicas.

Dispomos pelo menos de duas concepções sobre a natureza dos constituintes (temas ou radicais) prefixais greco-latinos: uma (Darmesteter 1877, Pena 1999, Val Álvaro 1999), mais historicista, que os encara como temas em *-o-* ou em *-i-*; outra (Rio-Torto & Ribeiro 2009; Moyna 2011; Rainer 2016) que defende que os compostos neoclássicos incluem pelo menos um radical não autónomo, de origem grega ou latina, e caracterizam-se pela presença de uma vogal de ligação (abaixo representada como VL) entre os respetivos elementos compositivos.

Pena (1999) e Montermini (2010) consideram que *cardio* (*cardiograma*, *miocardio*) ou *céfalo* (presente em *cefálico*, *cefalópde*, *acéfalo*), quando em compostos morfológicos, são temas de palavras inexistentes (\**cardios*, \**cefalos*), também denominadas de palavras tematizadas. Os temas greco-latinos funcionam nos três seguintes padrões combinatórios, que o quadro abaixo visualiza.

Esquema compositivo	Exemplos
Tema + tema	<i>angló+filo</i> , <i>cardio+patía</i> , <i>hemo+grama</i>
*PALAVRA tematizada + tema	<i>musico+logía</i> , <i>insecti+cida</i>
Tema + palavra	<i>hidro+avión</i> , <i>vino+terapia</i>

QUADRO 8. Compostos neoclássicos - esquemas compositivos (Pena 1999)

A existência de uma outra classe de compostos que exibem vogal de ligação permite organizar dois grandes conjuntos de compostos em espanhol (cf. quadro seguinte), construídos com base nos dados de Val Álvaro 1999.

Esquema compositivo	Exemplos
Compostos com vogal de ligação (esp. vocal de enlace)	<i>barbirralo</i> , <i>carilargo</i> , <i>catricofre</i> , <i>manigordo</i> , <i>paticojo</i>
Compostos sem vogal de ligação	Tema + tema <i>angló+filo</i> , <i>canó+dromo</i> , <i>cardio+patía</i> , <i>disco+teca</i> , <i>hemo+grama</i> , <i>insecti+cida</i> , <i>musico+logía</i> , <i>rockó+dromo</i> , <i>sono+teca</i>
	Tema + palavra <i>cardio+respiratorio</i> , <i>drogo+dependiente</i> , <i>neuro+transmisor</i> , <i>piro+resistente</i>

QUADRO 9. Compostos neoclássicos - esquemas compositivos (Val Álvaro 1999)

Outros autores (Moyna 2011; Rainer 2016) preconizam a existência de uma vogal de ligação/linking vowel entre os radicais<sup>2</sup> em adjunção. O quadro seguinte exemplifica a presença de tais vogais de ligação nos diferentes esquemas de composição erudita do português.

Esquema compositivo	Exemplos
Radical erudito + VL + radical erudito	<i>cardi+o+patia, vin+í+fugo</i>
Radical erudito + VL + palavra vernácula	<i>hidr+o+avião, vin+o+terapia</i>
Radical vernáculo + VL + radical erudito	<i>parqu+í+metro, parc+ó+metro, samb+ó+dromo</i>
Radical vernáculo + VL + palavra vernácula	<i>galeg+o-português, argentin+o-peruano</i>

QUADRO 10. Compostos neoclássicos - esquemas compositivos  
(Rio-Torto & Ribeiro 2009)

As vogais de ligação mais usuais são <i> e <o>, mas não é consensual o estatuto da vogal que conecta as unidades destes compostos<sup>3</sup>. O tipo de relação sintática estabelecido entre radicais é um fator determinante na seleção da vogal de ligação. A vogal de ligação é invariavelmente *o* nas estruturas paratáticas: *angl[ɔ]-francês, afr[ɔ]-lus[ɔ]-brasileiro, ov[ɔ]-lact[ɔ]-vegetariano, psic[ɔ]-somático, rítmic[ɔ]-harmónico*. Em compostos hipotáticos podem ocorrer *i* ou *o*, em função da origem etimológica do núcleo sintático do composto: a vogal de ligação é *-i-* tipicamente quando o segundo termo tem origem latina: *aquífero, aracníforme, carnívoro, fungicida, greciforme*. Nos demais casos a vogal de ligação é *-o-*, sendo a vogal usada por defeito: *aerofobia, cosmovisão, eletrodoméstico, fibrocimento, naturopatia, taquicardia, termoacumulador*.

Sincronicamente estas vogais podem ser interpretadas como vogais de ligação que preenchem as condições silábicas decorrentes do encontro entre a consoante terminal do radical da esquerda e o segmento inicial da unidade da direita.

Sob o ponto de vista histórico, as vogais em causa, *-o-* e *-i-*, têm origem em constituintes temáticos das respetivas bases, razão pela qual muitos autores optam por as representar acopladas a estas. Recorde-se que muitas palavras de origem grega terminam em *-os* (*antropos, cronos*) e muitas das latinas, nomeadamente no genitivo, terminam em *-i-* (*ager, agri; vinus, vini; frater,*

<sup>2</sup> *Radical* equivale ao conceito de *raíz* em Pena 1999: 4315: «el segmento básico y constante en el significante de cualquier palabra que, como resultado de eliminar en tales significantes todos los afijos derivativos y/o flexivos, es irreductible o no susceptible de ulterior análisis o, desde otra perspectiva, la unidad que constituye el punto de partida de cualquier construcción morfológica».

<sup>3</sup> A esta acrescem outras vogais, como <a>, em *permacultura*, <u>, em italiano (Iacobini 2004: 72).

*fratri*) ou em *-is* (*avis, piscis*). Assim se explica que a umas e a outras estejam estereotipicamente associados *-o-* (*antropo, cardio*) e *-i-* (*avi-*, em *avifauna, rati*, em *raticida, suini-*, *suinicultura*), respetivamente.

Uma visão mais abrangente e holística da composição e da derivação conduz-nos a uma perspetiva diferente e mais económica dos radicais eruditos *aer-*, *angl-*, *antrop-*, *fil-*, *log-*, *ministr-*, *vin-*. Neste caso os radicais são autónomos da vogal que se lhes segue, a qual pode ser *-o-/-i-* (*aer[i]forme*, *aer[ɔ]dromo*, *angl[i]cídio*, *angl[ɔ]filia*, *ministr[i]cida*, *ministr[ɔ]cracia*, *vin[i]cultura*, *vin[ɔ]filia*), ou outra vogal, como a inicial do sufixo (*vin-ic-* em *vínico/a*, *vin-ific-*, em *vinificar*) ou a de género (*-o/-a*).

As duas hipóteses encontram-se plasmadas no quadro seguinte.

Hipóteses		Dois Temas		Radical
1)	Temas e radicais [- vogal de ligação]	<i>vinO-</i> : <b>vinÓ</b> + <i>filo</i> <i>vinI-</i> : <b>vinI</b> + <i>cultura</i>		<i>Vin + ic (o/a)</i> <i>Vin + ificar</i>
2)	Radical ([±Vogal de ligação]) (...) sinaliza facultatividade <sup>4</sup>	<b>RADICAL + Vogal de ligação</b>		
		<i>vin-</i>	<b>Vin + O</b> + <i>filo</i> <b>Vin + I</b> + <i>cultura</i>	

QUADRO 11. [±Vogal de ligação] nos compostos eruditos

Em favor da solução tematicista (hipótese 1) está a etimologia dos constituintes em jogo. Neste caso a vogal de ligação é considerada inexistente, mas o léxico tem de prever dois temas para um mesmo radical (*vino-* e *vini-*), actuaentes na composição, para além do radical (*vin-*) selecionado na derivação. Este enquadramento exige a atuação de duas classes, a de RADICAL e a de TEMA.

Alguns argumentos sustentam a solução 2) ‘Radical (+ Vogal de ligação), que prevê a hegemonia da classe de RADICAL:

- (i) Variação i/o : um mesmo radical pode ser seguido de qualquer uma das vogais de ligação (1-4), havendo oscilação em compostos eruditos em *-geno*, em *-cídio*, em *-grafo* e em *-metro*, podendo mesmo coexistir as duas formulações (em **-i-** e em **-o-**) perante o mesmo constituinte greco-latino situado à direita (cf. 5):

- (1) *oleígeno* vs. *alucinógeno*, *criminógeno*  
(2) *regicídio* vs. *genocídio*

<sup>4</sup> Neste quadro (...) sinaliza que a VL pode ou não ser ativada, consoante se trate de composição ou de derivação.

- (3) *estratígrafo* vs. *epistológrafo*, *historiógrafo*, *tragediógrafo*
- (4) *altímetro*, *aplaudímetro*, *calorímetro*, *celerímetro*, *planímetro*, *saborímetro*, *taxímetro*, *velocímetro* vs. *cronómetro*, *distanciómetro*, *fluxómetro*, *odómetro*, *potenciómetro*, *taqueómetro*, *termómetro*
- (5) *amperímetro* e *amperómetro*; *parquímetro* e *parcómetro*
- (ii) Para as bases não eruditas que entram na formação de compostos neoclássicos, como *alerg-*, *cigarr-*, é mais adequada a assunção de que está em jogo um radical, a cuja fronteira direita se associa uma vogal de natureza variável (cf. *alergólogo*, *alergicida*; *cigarrólatra*, *cigarricida*).
- (iii) Em bases importadas do inglês, como *cool*, *Kart*, *shopp*, *surf*, presentes em *coolómetro*, medidor de ‘cool’, *Kartólatra*, *shoppólatra*, *surfólatra*, não é possível defender que a vogal de ligação se encontra intrinsecamente associada ao radical, com ele configurando de forma quase sistemática um tema, pois assim neles não acontece; mesmo na composição de padrão neoclássico a VL varia em função do constituinte da direita (cf. *alergólogo*, *alergicida*; *cigarrólatra*, *cigarricida*) e está ausente aquando da sufixação (*alergizar*, *cigarrismo*).
- (iv) No caso de a crescente percepção de *-ólatra* e *-ólogo* como sufixos vir a generalizar-se e a gramaticalizar-se (como aconteceu com a gramaticalização de *-mente*), fica muito enfraquecida a assunção de que são temas greco-latinos em *-o-* os que estão na base de compostos de padrão neoclássico.

O facto de já nas línguas clássicas se verificar a dupla possibilidade de opção temática (*-i-* em *agrícola*, *agricultura* e *-o-* em *agrónomo*) não constitui argumento suficiente para se defender a solução não tematicista, pois as gramáticas de inspiração mais tradicionalista sustentam que a língua opta por temas diferentes em função dos constituintes acoplados à direita. Se estes são sufixais, então a classe selecionada é a de radical, e já não a de tema.

Não obstante ser mais económica, a solução ‘Radical (+ vogal de ligação)’ tem em seu desfavor a etimologia dos radicais importados do grego e do latim. De igual modo, a solução tematicista dificilmente se compadece com a assunção de temas do tipo *Kartó-*, *shoppó-*, *surf-*, pelo que ambas as hipóteses apresentam vantagens e desvantagens, dependendo a adopção de uma ou de outra da concepção que se perfilha sobre a organização morfológica das línguas.

#### 4. Fronteiras com sintagmação

Os ‘compostos sintagmáticos’ (Val Álvaro 1999), também denominados como ‘phrasal compounds’ (Bisetto 2015), “phrasal words” (Masini & Scalise 2012), ‘lexicalized phrases’ (Guevara 2012) e ‘expressões fixas’ sempre foram um quebra-cabeças para as línguas românicas, por várias ordens de razões, tais como a sua natureza mais sintática ou mais lexical e a sua conseqüente inscrição na sintaxe ou no léxico, dada a sua porosa fronteira com os demais sintagmas.

Nas línguas românicas, os compostos sintagmáticos nominais constituídos por  $[N_{\text{prep}}N]_N$  têm uma estrutura análoga à dos demais sintagmas ou grupos nominais que incluem um sintagma preposicional  $[N1 [PrepN2]_{SP}]_N$  pois em ambos os casos N1 é modificado e/ou complementado por SP. As construções a que nos referimos e que são objeto de análise nesta secção são do tipo de:

- (6) (esp.): *boca del estómago, crimen de guerra, diente de leche, bautismo de fuego, cortina de humo, leche en polvo, lengua de trapo, torre de marfil*
- (7) (fr.): *avion à réaction, clair de lune, modulation de fréquence, pomme de terre, robe de chambre*
- (8) (port.): *água-de-colónia, caminho de ferro, chave-de-fendas, cheque ao portador, comandante em chefe, ferro a vapor, fim-de-semana, mestre de cerimónias, processador de texto*

Face aos sintagmas livres (cf. *copo de cristal, copo de plástico, copo de vidro, copo de vinho*), os compostos sintagmáticos são ‘multiword expressions’ com uma estrutura interna fixa e opaca. A permeabilidade (a determinantes especificadores, a modificadores) e a transparência semântica dos sintagmas nominais (cf. 9) contrasta com a fixidez interna e a não composicionalidade semântica de compostos sintagmáticos como o de (10)

- (9) *copo de água* ‘copo que contém água’, *copo da água*, *copo de refrescante água*, *copo azul de água*, *copo de água gaseificada*
- (10) *copo de água* ‘refeição volante servida em ocasiões festivas’ vs. *copo \*enriquecido-de-água*

Em inglês a distinção entre compostos sintáticos e assintáticos assenta em critérios formais claros, de natureza acentual, pelo que não se colocam problemas de demarcação (entre compostos e sintagmas) análogos aos das línguas românicas. São lapidares as palavras de Bloomfield sobre as duas classes de compostos: «The syntactic compound differs from a phrase only in

the essential features which distinguish compound words from phrases — in English, than, chiefly by the use of only one high stress: [...] *dreadnaught* vs *dread naught*». (Bloomfield 1933: 233)<sup>5</sup>.

A natureza mais sintética das línguas anglo-saxónicas, no que diz respeito a alguns aspetos da morfologia derivacional, face às línguas românicas, faz com que muitos dos compostos do inglês tenham uma expressão equivalente de tipo [NprepN]<sub>N</sub> nas línguas românicas (cf. 11-16). Sendo as realidades denominadas as mesmas, pode assumir-se que tais construções [NprepN]<sub>N</sub> tenham o estatuto de compostos, à semelhança dos equivalentes [NN]<sub>N</sub> do inglês:

- (11) (pt.) *acelerador de partículas* e (ingl.) *particle accelerator*
- (12) (pt.) *bilhete de identidade* e (ingl.) *identity card*
- (13) (pt.) *base de dados* e (ingl.) *database*
- (14) (pt.) *fim de semana* e (ingl.) *weekend*
- (15) (pt.) *lua de mel* e (ingl.) *honeymoon*
- (16) (pt.) *tubo de ensaio* e (ingl.) *test tube*

No conjunto das diversas classes de compostos, apenas os compostos neoclássicos configuram um inventário de bases mais fechado que o das demais. Os compostos VN, os NA e os [N PrepN]<sub>N</sub> estão abertos a novas bases lexicais. Os compostos [NprepN] são itens lexicais construídos à luz de paradigmas produtivos e regulares, dotados de propriedades distintivas dos sintagmas livres, ainda que com estes partilhem um ‘esqueleto’ construcional comum [N1 [PrepN2]<sub>SP</sub>]<sub>N</sub>.

#### 4.1 Compostos trimembres e bimembres

Desde há muito que os gramáticos reconhecem que alguns compostos podem envolver três palavras, acontecendo que a preposição por vezes se elide ao longo da história, dando origem a um composto aglutinado. O português *fidalgo* e o espanhol *hidalgo* são exemplos dessa fusão perfeita, visto que se remete historicamente ao sintagma *filho de algo/hijo de algo*, ainda que não tenha ocorrido a elisão total da preposição.

Em João de Barros (1540) a composição é descrita como envolvendo “duas partes” significativas, como em «rede-fole», «arquibanco», «torçicólo», mas

<sup>5</sup> Para Bloomfield 1933: 234 são assintáticos os compostos cujos membros não configuram combinações sintáticas, como *bedroom*, *salt-celler*. Não obstante, alguns dados do inglês levaram Bloomfield (1983: 166) a afirmar que «compounds may approach the value of syntactic collocations, until, in cases like *bulldog* (p. 97) and *stand off* (p. 163) we may hesitate before the alternative of speaking of composition or of setting up the apparent first members as independent words», tendo perfeita consciência da porosidade entre compostos e construções fixas de natureza sintática.

há referência a construções envolvendo uma preposição e um nome, como em «*tràspé*, de *trás* e *pé*». Na *Gramática Filosófica* de Jerónimo Soares Barbosa o composto pode envolver «três palavras», sendo a terceira palavra de natureza gramatical (cf. *capaemcollo*, *fidalgo*, *malmequer*, *vent'apôpa*).

Alemaný Bolufer (1930: 56) considera a existência de compostos trimembres, que denomina de ‘imperfeitos’: «compuestos [...] imperfectos, o sea que siéndolo ideológicamente, escribimos y pronunciamos distintamente los elementos que los forman sin llegar a unirlos en la escritura, como *ojo de buey*, *pata de gallo* [...]. A los compuestos imperfectos pertenecen también los que como *ricahembra*, *ricadueña*, etc., escribimos en una sola palabra, pero admiten la forma plural en sus dos elementos —*ricashembras*, *ricadueñas*—, señal de que no han llegado a fundirse enteramente en uno»<sup>6</sup>. Linguistas de concepção mais sintaticista da composição, como Bloomfield (1933: 228), encaram unidades como *pot-au-feu*, *pied-à-terre* como ‘phrase-like compounds’.

Desde sempre (cf. 17), antigos esquemas [NprepN] foram substituídos por NN, o que favorece o argumento de que os compostos são sintagmas reduzidos e lexicalizados.

- (17) *beira do mar* > *beira-mar*; *mestre-de-escola* > *mestre-escola*; *ponta do pé* > *pontapé*

Tal como no passado, também no presente antigos esquemas NprepN estão a ser substituídos nas línguas românicas por NN (cf. 18 e 19), que Bisetto (2015) encara como ‘compound-like phrases’ (NN < NprepN). Mas a elisão da preposição não ocorre de forma sistemática, em nenhuma língua românica, como o evidenciam os dados (19) do português. Em casos de formação mais recente de compostos sintagmáticos, nomeadamente de tecnolectos (*acelerador de partículas*, *processador de texto*), a presença da preposição nunca é dispensada.

- (18) português (sinalizam-se com PB os exemplos apenas atestados do Português do Brasil): *artigos-viagem*; *atestado médico*; *auxílio-desemprego* (PB); *consultório médico*; *bolsa-escola* (PB); *bolsa-família* (PB); *cheque-cirurgia* (cheque para cirurgia); *cheque-desconto* (cheque com/para desconto); *cheque-família*; *cheque-oferta*; *cheque-saúde* (cheque para custear cuidados de saúde); *cheque-viagem*; *imposto automóvel*; *parque automóvel*; *poupança-habitação*; *poupança-reforma*; *salário-família* (PB); *seguro-família*; *seguro-saúde*; *vale-refeição*.

<sup>6</sup> A Academia Espanhola chama de *impropios* aos compostos do tipo de *corta-fiambres*, *limpiacabezas*, *tocadiscos*, por serem ‘sincopados’ (de artigo ou, em outros casos, de preposição).

- (19) Italiano: *controllo passaporti* '(pt.) controlo de passaportes; (ingl.) *passport control*'; *evasione tasse* '(pt.) evasão de portagens; (ingl.) *toll evasion*'; *trasporto passeggeri* '(pt.) transporte de passageiros; (ingl.) *passenger transport*'.

#### 4.2 Algumas premissas sobre a natureza dos compostos

Em português, como em espanhol, os compostos são tipicamente unidades lexicais bimembres (*bactericida, belas-artes, língua materna, limpa-neves, latino-americano, olivicultura*), mas também os há trimembres, como *cérebro-cardiovasculares, hortofruticultura, ecocardiograma, crimen de guerra, leche en polvo, lengua de trapo*.

Bisetto & Scalise (1999) aplicam aos compostos do italiano os testes de Ten Hacken 1994 (head deletion under coordination; wh-movement; topicalisation; insertion; anaphoric reference; referential opacity; semantic specialization). Com exceção da 'especialização semântica', que não se aplica a todo o vasto universo dos compostos, os compostos reagem tipicamente, de forma negativa, às demais propriedades, comprovando assim a sua opacidade e invariabilidade interna.

Na *Gramática derivacional do Português* Ribeiro & Rio-Torto (2016) descrevem os compostos como unidades multilexicais que têm as seguintes propriedades (algumas numa versão 'forte' e outras numa versão 'menos forte, ou fraca'):

- são constituídos por um conjunto fixo de palavras e/ou de radicais
- assentam numa forte coesão formal interna
  - ordem imutável
  - opacidade interna (opacidade total ou grande dificuldade de inserção de novas unidades no seu interior)
  - escassa possibilidade de extensão ou de redução do conjunto.
- exibem forte unicidade semântica, sendo tipicamente portadoras de um sentido unitário/holístico, umas vezes composicional, outras cristalizado em graus variáveis.

QUADRO 12. Propriedades dos compostos (Ribeiro & Rio-Torto 2016: 462)

Assume-se que a opacidade interna é a propriedade definitiva dos compostos. Esta propriedade já havia sido denominada por "atomicidade sintática" (Syntactic atomicity), consubstanciada no "Princípio de integridade lexical" ("Lexical Integrity Principle"), segundo o qual «rules of syntax do not have access to the parts of words directly, only to the 'topmost' properties of word: the features and argument structure of the topmost word» (Di Sciullo & Williams 1988: 45).

Em português, a inserção de material lexical ou qualquer outra alteração interna está vedada dentro de um composto. Os compostos

- (i) não podem ser modificados por determinantes (*lava- \*esta-louça*), por quantificadores (*lava- \*muita-louça*), por adjetivos com escopo em um dos constituintes (*limpa- \*sujas-neves*)
- (ii) não aceitam a coordenação do elemento da direita com outro (cf. *comprei um \*saca rolhas e latas*).

Os compostos são ainda marcados pela impossibilidade de alterar a ordem dos elementos constituintes (cf. *belas artes*; *cofre forte*; *artes belas e forte cofre* são sintagmas nominais livres) ou de os substituir por outros (*fim de semana* vs. *\*termo de semana*).

Vamos observar alguns dos eixos do debate sobre a natureza destas construções [NPrepN], assentes em critérios de natureza semântica e de natureza formal.

#### 4.2.1 *Graus de idiomatidade: compostos vs. idiomatismos (Jackendoff 1997)*

Um dos critérios usados para delimitar compostos de outro tipo de construções tem sido o da maior ou menor opacidade/previsibilidade semântica, nomeadamente a não decomposicionalidade dos sentidos expressos pelos idiomatismos ('idioms') face aos dos compostos. Para Jackendoff 1997: 7.5. «**Compounds** are lexical items of a productive pattern, and with a predictable meaning [...]. An **idiom** is a single lemma expressed by multiple lexical forms, which are combinations of independently listed items co-occurring redundantly, and whose meaning is not a function of the meanings of their constituents».

O quadro 13, com exemplos do autor, sintetiza a classificação deste.

Compostos	Idiomatismos
AN: <i>acoustic guitar, arabian horse, british accent, white flag</i>	NP idioms: <i>a breath of fresh air, point of view, son of a gun, wheel of fortune</i>
NN: <i>airline pilot, april shower, coffee break, exclamation point, jazz band, milk chocolate, skin cancer</i>	PP idioms: <i>right on the money</i>
Odds-and-ends compounds: <i>bed and breakfast, blackmail scheme, country and western band, nine-to-five work day</i>	VP idioms: <i>go for it, flying high</i>

QUADRO 13. Compostos vs. idiomatismos (exemplos de Jackendoff 1997)

Ou seja, para Jackendoff os compostos caracterizam-se pela sua previsibilidade semântica e os idiomatismos pela sua opacidade/idiomaticidade.

Ora, em todas as classes de unidades lexicais, mais e menos complexas e/ou extensas, há as marcadas por (maior/menor) transparência e as marcadas por (maior/menor) opacidade semânticas. Os compostos não são uma classe de exceção a este respeito.

Por isso a transparência ou opacidade semânticas não se afiguram critérios operacionais, pois os compostos, qualquer que seja a sua composição interna, apresentam graus diversos de idiomaticidade ou de composicionalidade (cf. Rio-Torto 2012). Para um falante de L2, a compreensão da idiomaticidade tem de ser objeto de um processamento *ad hoc*, uma vez que não há possibilidade de apreensão (de)composicional do sentido. No quadro seguinte as construções consideradas mais opacas foram testadas junto de falante de PL2.

	Opacidade e idiomaticidade mínimas	Opacidade e idiomaticidade máximas
NA	<i>amor proprio</i> <i>azul marinho</i> <i>Idade-Média</i>	<i>aguas furtadas</i> ‘último piso, geralmente com tectos inclinados, de um edifício, e que se situa entre o telhado e o penúltimo piso’ <i>saco azul</i> ‘valores que não entram nos registos contabilísticos e são usados para fins ilícitos’
NN/AA	<i>autor-cantor</i> <i>claro-escuro</i>	<i>couve-flor</i> ‘espécie de couve de inflorescência carnuda, formando massa volumosa e densa, de cor branca na zona que se assemelha a uma flor’
NprepN	<i>arma de fogo, crime de guerra, fim de semana, leite em pó</i>	<i>baptismo de fogo, caminho/estrada de ferro, mestre de cerimónias, língua de trapo, menina dos olhos, pé-de-galinha, pé-de-cabra</i>
Aglutinado	<i>agridoce</i>	<i>pontapé</i> ‘pancada com a ponta do pé’

QUADRO 14. Graus de opacidade/idiomaticidade

O valor da preposição pode ser marcado por transparência/opacidade semântica, mas não se revela decisivo para a caracterização dos compostos.

Em estruturas de composição [NprepN] a interpretação da Preposição pode ser múltipla: em (it.) *giacca a vento*, a preposição significa ‘contra’ e em (it.) *mulino a vento* a preposição significa ‘por meio de’ (exemplos de Masini 2009). Com efeito, o valor da preposição varia com o sentido dos Nomes, nomeadamente do nome nuclear, como também nos exemplos do pt. *óculos de sol* (*de* equivale a ‘para/contra’) e *pôr de sol* (*de* tem valor agentivo).

Segundo Masini (2009), ao contrário do que acontece nos compostos [Nprep.N], nos demais sintagmas preposicionais a Preposição tem um sentido específico e unívoco. Ora, também nos sintagmas livres o valor da preposição varia em função dos nomes a que esta está ligada, seja ao nome do SP (*deslocação a pé* vs. *deslocação a Coimbra*), seja ao N nuclear que o SP modifica (*sala de repouso* ‘sala para repouso’; *vida de repouso* ‘vida com/feita de repouso’). E pode ainda acontecer que a preposição seja variável sem que se altere o semantismo do todo (*tratamento a/com vapor*). Por conseguinte, em cada sintagma preposicional a Preposição apresenta um sentido específico e unívoco, o mesmo acontecendo nos sintagmas fixos, pelo que o critério do semantismo da preposição não se afigura distintivo e definitório de compostos [Nprep.N].

#### 4.2.2 Graus de opacidade formal e flexão interna

Não é consensual que construções românicas de configuração fixa [NprepN] se inscrevam no âmbito da composição. O facto de o Nome nuclear poder admitir flexão faz com que alguns autores as considerem como uma “constructional idiom”, assim definida por Booij (2005: 83): «A constructional idiom is a fixed syntactic pattern in which some positions may be filled by all kinds of words of the right category, whereas other positions are filled by specific morphemes or words».

Para Booij estruturas [N de N], como (fr.) [*chambre[s]<sub>PL</sub> d’hôtes*] ‘quarto[s]<sub>PL</sub> de hóspedes’, ou [N à N], em (fr.) [*salle[s]<sub>PL</sub> à manger*] ‘sala[s]<sub>PL</sub> de jantar’, possuem posições abertas para os nomes e uma preposição fixa (*de*; *à*). Contudo, nas línguas românicas as posições de N2 (e mesmo as de N1) não são lexicalmente abertas, pois não podemos substituir N1 e/ou N2 por termos equivalentes (20-22):

- (20) *sala de jantar* vs. \**compartimento de jantar* ou por *sala de \*cear*
- (21) *fim de semana* vs. \**termo de semana*
- (22) *cabeça de casal* vs. *cabeça de \*esposos/\*duo*.

Segundo vários autores (Bisetto & Scalise 1999, Fábregas 2005, Lieber & Scalise 2006, Rio-Torto 2013), a flexão interna no núcleo nominal não põe em causa o princípio de integridade lexical dos compostos românicos, pois trata-se de um processo de concordância que pode afetar, ou não, alguns dos constituintes internos do sintagma.

Como Rio-Torto (2013: 34) sustenta, «internal inflection is not an adequate and applicable criterion for Romance languages; internal and dou-

ble plural does not deny the ‘Integrity Principle’ of Romance compounds. Agreement is a syntactic device with scope on the whole structure; sometimes agreement is visible in some of the constituents and other times it is visible in all the constituents». Por conseguinte, o plural interno que se observa neste tipo de compostos (*bases(s) de dados, sala(s) de jantar*) não invalida o princípio da integridade definitório destes, pois a flexão é um mecanismo sintático que pode afetar, em função da constituição interna do composto, apenas alguns constituintes (*neurocirurgia(s)*) ou mais do que um (*base(s) aérea(s), primeira(s)-ministra(s)*).

Numa escala de maior e de menor opacidade formal, os compostos [NprepN] são, de todos os compostos, os mais permeáveis (cf. Bustos Gisbert 1986, Val Álvaro 1999, Ribeiro 2010, Ribeiro & Rio-Torto 2016), a alguma —ainda que muito escassa— alteração na sua configuração interna (nomeadamente concordância/flexão de número), sendo por isso os esquemas menos prototípicos de composição (cf. quadro seguinte).

+ opacidade formal	– opacidade formal
[compostos morfológicos > VN > NN > AN > NA > NprepN]	

QUADRO 15. Graus de opacidade formal de compostos

De todos os padrões de composição, as construções [NprepN] são as que têm um estatuto mais próximo das estruturas sintáticas, e que a concepção de “lexicalized syntactic constructions that behave like lexical units” (Villoing 2012: 35) espelha. Esse estatuto mais sintático explica a variação de número (e por vezes de género: *aluno-prodígio, aluna-prodígio*) no nome nuclear e, em casos NA, em ambos os termos (cf. *primeiro(s)-ministro(s), primeira(s)-ministra(s)*). Todavia, em função da opacidade interna que as caracteriza, as construções [NprepN] apresentam-se nos antípodas da enorme liberdade configuracional interna dos sintagmas, abertos a alterações e inserção de material, vedada aos compostos sintagmáticos [NprepN].

As construções [NprepN] têm estatuto lexical, uma vez que se trata de expressões fixas, de sentido e de referência unívocos. Ademais, este padrão construcional lexicalizou-se ao longo dos séculos e serve hoje de modelo para a criação de novas unidades plurilexicais.

#### 4.2.3 Processamento holístico de expressões fixas e de compostos sintagmáticos opacos

Diversos estudiosos chamam a atenção para o facto de as construções [NprepN] serem sempre constructos lexicais memorizados como conjuntos

únicos, muitas vezes só interpretados de modo não literal, mas idiomático (cf. também Val Álvaro 1999: 4826). Esta realidade é comum a expressões fixas e a outras construções, como provérbios, pelo que não permite delimitar com rigor compostos sintagmáticos de outras expressões multilexicais.

Muitos estudos neuropsicolinguísticos (cf. entre outros Sprenger 2003<sup>7</sup>; Hünig & Schlüker 2016) corroboram a ativação (i) de um processamento holístico quando não há transparência/composicionalidade ou quando há maior irregularidade semântica e/ou formal e a ativação (ii) de processamento decomposicional quando há regularidade/transparência semântica ou constitutiva. Outros estudos (cf. por exemplo Titone, D. & C. Connine 1999) preconizam um tratamento dual (composicional e não-composicional) da representação e do processamento das expressões idiomáticas, como de todas as construções não literais.

Se considerarmos que há compostos sintagmáticos dotados de graus diversos de opacidade formal e/ou semântica, teriam de ser realizados mais estudos de processamento neurolinguístico para apurar em que medida os compostos sintagmáticos menos opacos são computados de forma holística e/ou de forma decomposicional. Por isso, e não obstante algumas diferenças de processamento e de percepção de compostos face a sintagmas, Kotovsky & Böer & Härtl 2012: 195 afirmam, a respeito das construções (algumas das quais compostos) AN, que «neither from a grammatical, phonological nor semantic-pragmatic perspective can we identify clear-cut differences between the respective properties of established compounds and phrases».

#### 4.2.4 Natureza e motivação semântico-pragmática

Por contraste com um sintagma nominal livre que, pela abertura a outras unidades lexicais, funciona como uma unidade descritiva, um composto sintagmático funciona essencialmente como uma unidade de denominação, denotando, como um todo, um conceito linguístico específico (Hünig & Schlüker 2016): o contraste entre o compostos ingl. *whiteboard* e o sintagma *white board* ilustra essa diferença.

<sup>7</sup> Cf. Sprenger (2003: 4): «Fixed Expressions refer to specific combinations of two or more words that are typically used to express a specific concept. Typical examples of FEs [...] often have an opaque meaning or a deficient syntactic structure, for example, *by and large* or *kick the bucket*. However, these properties are not essential. The defining feature of a FE is that it is a word combination, stored in the Mental Lexicon of native speakers, that as a whole refers to a (linguistic) concept. This makes FEs “non-compositional” in the sense that the combination and structure of their elements need not be computed afresh, but can be retrieved from the Mental Lexicon. However, the degree of lexical and syntactic fixedness can vary».

A motivação pragmática da construção de novos compostos, sejam sintagmáticos ou não, prende-se com a necessidade de construir denominações que cunhem as novas realidades/os novos referentes que necessitam de ser lexicalmente codificados. A motivação pragmática de uma construção sintagmática livre pode prender-se com uma necessidade eminentemente descritiva, e não necessariamente com um imperativo denominativo. Os compostos denotam espécies (*kinds*), como *crime de guerra/de sangue*, *balança comercial*, enquanto os sintagmas livres (*crime terrível*, *crime do século*, *balança nada funcional*), pela sua abertura descritiva e referencial, não são marcados por tal limitação.

As construções do tipo [NprepN]<sub>N</sub> (cf. 6-8) têm comportamento funcional-pragmático em tudo idêntico aos demais compostos, sendo criadas e usadas pelos falantes, tal como os restantes tipos de compostos, para suprir necessidades de denominação de novas realidades. Por isso, e não obstante a flutuação conceptual e terminológica, estas unidades multilexicais continuam a ser encaradas como ‘compostos sintagmáticos’ por diversos autores, como Bernal (2012), Buenafuentes de la Mata (2010) ou Grossmann (2012).

Bisetto inclui na escala antes apresentada por Voghera (2004:5) estas ‘Multiword expressions’ que denomina de ‘phrasal compounds’:

word > affixed word > incorporating word > compound > multiword expression > phrase > sentence
---------------------------------------------------------------------------------------------------

QUADRO 16. Contínuo entre palavra e frase (Voghera 2000, revista por Bisetto 2015)

Em suma, construções [NprepN]<sub>N</sub> são unidades multilexicais tendencialmente monorreferenciais, dotadas de fixidez formal e (em graus diversos) semântica, propriedades comuns às várias classes de compostos. Ignorar ou desvalorizar o facto de se tratar de um padrão de sintagmação lexical muito produtivo (*roda dos alimentos*, *rosa dos ventos*) e enraizado nas línguas românicas, marcado pela intensa opacidade interna, nada igual à abertura e variabilidade dos sintagmas nominais livres (*roda de amigos*, *roda do moinho*; *rosa do jardim*, *rosa do canteiro*, *rosa de inverno*), leva a considerá-los como construções fixas, com poder denominativo, algo que os sintagmas nominais livres não têm como definitório.

#### 4.2.5 Paradigmaticidade

Vários estudiosos associam às expressões/construções fixas não apenas a opacidade interna, a coesão desta decorrente, a idiomaticidade/a irregularidade (semântica e/ou formal), mas também a ausência de paradigmaticidade.

Para Zuluaga 1975, a impossibilidade de se pautar por alguma regra combinatória confere à construção/combinção estável o estatuto de ‘expressão fixa’:

la fijación se entiende como la propiedad que tienen ciertas expresiones de ser reproducidas en el hablar como combinaciones previamente hechas [...]. Dicha propiedad puede ser definida como supresión, semántica y sintácticamente inmotivada, de la aplicación de alguna regla de la combinación de los elementos del discurso. La definición anterior sirve para distinguir [...] las unidades de texto repetido [...] de otro tipo de combinaciones estables como los nombres compuestos (*Casa Blanca, vías digestivas*): si la fijación y/o cohesión de los componentes de una combinación no pueden ser explicadas mediante alguna regla, entonces dicha combinación es una E.F. (= Expresión Fija). (Zuluaga 1975:230)

Segundo este autor, no universo das ‘expressões fixas’ incluem-se as unidades cuja estrutura interna decorre de um fenómeno de supressão semântica ou sintática não motivada/não regular, no tocante à combinação de unidades lexicais. Aplicadas aos compostos, estas considerações apenas são aceitáveis do ponto de vista semântico (e não formal), e somente para os compostos semanticamente opacos, pois não se aplicam às construções passíveis de decomposição formal e/ou semântica. Sob o ponto de vista semântico, a opacidade da construção pode ser maior ou menor, pelo que esta pode ser marcada por maior ou menor previsibilidade, composicionalidade, regularidade.

Sob o ponto de vista formal, a construção de compostos, sintagmáticos ou não, obedece a padrões bem determinados, marcados por assinalável paradigmaticidade (cf.  $[VN]_N$ ,  $[NN]_N$ ;  $[NA]_N$ ;  $[Nprep.N]_N$ ). Por conseguinte, a inexistência de alguma regularidade ou de alguma paradigmaticidade pode afetar unidades opacas (cf. 23), mas não se aplica a todos os produtos da composição, como *hortofruticultura*, que possui uma estrutura  $[RadN+RadN+N]_N$  paralela à de *lamiré*  $[N+N+N]_N$ .

(23) *Lamiré* ( $[N+N+N]_N$ ; de *lá+mi+ré*, denominações de notas musicais): sinal para começar alguma coisa; indicação útil e proveitosa; dica.

Segundo Hünig & Schlüker (2016: 461), a grande diferença entre expressões multpalavra e produtos da formação de palavras reside no facto de as primeiras serem resultantes de padrões regulares e mais /menos produtivos de produção lexical, sendo portanto formas processuais primárias, as segundas serem formas processuais secundárias, porque assentes em mecanismos assistemáticos e não previsíveis de lexicalização idiossincrática de unidades sintagmáticas.

## 5. Considerações finais

A longo da história da reflexão gramaticográfica, muitas têm sido as dimensões escrutinadas em vista a uma mais clara delimitação da natureza da composição e do seu lugar na arquitetura da gramática. Durante largos séculos a composição incluía no seu universo a prefixação, e só no início do século XX, com Said Ali (1931), a composição é concebida como disjunta da prefixação. Não obstante, persiste grande porosidade entre composição, prefixação e alguma sufixação. A gramaticalização de alguns constituintes neoclássicos, como *-ólogo* ou *-ólatra* convoca questões de contiguidade e de escalaridade entre ‘radicais afixais’ neoclássicos e afixos. A natureza e respetivas fronteiras externas dos constituintes neoclássicos (cf. temas *-dermato-*, *-oftalmo* vs. radicais *-dermat-*, *-oftalm-*) refletem perspetivas mais e menos historicistas, respetivamente, permanecendo por isso um problema em aberto. Em paralelo, perduram ainda hoje as divergências entre concepções morfológica/lexicalista vs. sintaticista da composição, em função dos quadros teóricos de referência adoptados. Os compostos românicos  $[N_{\text{prep}}N]_N$  têm sido objeto de particular indagação, dada a sua proximidade estrutural com os sintagmas nominais  $[N_1 [N_{\text{prep}}N_2]_{\text{sp}}]_N$ . Todavia, ao contrário destes, os compostos sintagmáticos caracterizam-se pela sua fixidez estrutural e pela sua opacidade formal, que se traduz pela impossibilidade de alteração (nomeadamente através de inserção) da sua estrutura interna. A flexão interna que o núcleo nominal de NN, NA e  $[N_{\text{prep}}N]_N$  admite não põe em causa o princípio de integridade lexical dos compostos românicos, se encarada como um processo de concordância que pode afetar, ou não, alguns dos constituintes internos do sintagma.

Sob o ponto de vista semântico, alguns compostos são marcados por opacidade total, outros por graus menores de opacidade e outros por total composicionalidade, pelo que a idiomaticidade não se afigura, por si só, um critério decisivo para a caracterização de compostos, mas sim de *idioms*. Os sintagmas são unidades de referenciação e de descrição, ao passo que os compostos são prototipicamente unidades de denominação. Os compostos  $[N_{\text{prep}}N]_N$ , pela sua configuração sintagmática, pela sua fixidez e pela sua iconicidade, ilustram de forma paradigmática as tensões de interface morfologia-sintaxe-léxico. De todas as classes de compostos, os  $[N_{\text{prep}}N]_N$  são os menos prototípicos, por contraste com os compostos neoclássicos, que se situam no pólo oposto da protipicidade. Uma concepção estritamente sintaticista da construção de compostos  $[N_{\text{prep}}N]$ , em que estes seriam (construídos por processos) análogos aos (dos) demais sintagmas, além de não respeitar as evidências empíricas das diferenças, teria de socorrer-se de um

oneroso mecanismo de bloqueio responsável pela cristalização de constructos aleatórios, e que caracterizaria de igual modo compostos sintagmáticos, expressões fixas e *idioms* formais e semânticos. A existência de mecanismos deste tipo diminui o poder preditivo de qualquer modelo teórico não multifactorial, não sendo nada económico. Mas até na morfologia distribucional a produção de um semantismo idiomático implica duas entradas, uma para a leitura composicional, outra para a idiomática.

Ora, o vasto universo dos compostos [NprepN]<sub>N</sub> inclui unidades lexicais com graus diversos de transparência, de opacidade, de cristalização. Porque representa um grande volume de dados lexicais, com um peso denominativo muito significativo nas línguas, e uma paradigmaticidade construcional que ao longo dos séculos se tem sedimentado, não pode ser confinado ao segmento das idiosincrasias.

A composição, porque se encontra na fronteira com afixação e com sintagmação, representa um imenso desafio teórico e empírico, tanto mais que acusa uma enorme produtividade aliada a uma forte coesão interna dos produtos e a uma acrescida iconicidade de alguns. A variação e a mudança, sendo testemunhos de vitalidade da língua, também afectam alguns padrões de composição. Resta-nos aguardar e apurar se algumas das tendências de alterações registadas no presente, como a gramaticalização de *-ólatra*, *-ólogo*, ou a simplificação crescente de [NprepN] em [NN] se consolidam ou não, e que consequências isso tem no quadro global da composição das línguas em que se verificam.

## Bibliografia

- ALEMANY BOLUFER, J. (1930): *Tratado de la formación de palabras en la lengua castellana. La derivación y la composición. Estudio de los sufijos e prefijos empleados en una y otra*. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez.
- BALLY, CHARLES (1944): *Linguistique générale et linguistique française*, 2<sup>nd</sup> ed. Berne: A. Francke.
- BAKER, M. (2000): «On derivational asymmetries in derivational Morphology», en S. Bendjaballah et alii (eds.): *Morphology 2000: selected Papers from the 9th Vienna Morphology Meeting*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 21-34.
- BARROS, JOÃO DE (1540): *Gramática da língua portuguesa. Cartinha, Gramática, Diálogo em louvor da nossa linguagem e Diálogo da viciosa vergonha*. Reprodução facsimilada, leitura, introdução e notas por Maria Leonor Carvalho Buescu. Lisboa: Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971 [1540].

- BAUER, L. (2001): «Compounding», en M. Haspelmath, *et alii* (eds.): *Language Typology and Language Universals*. Vol. I, Berlin: Walter de Gruyter, pp. 695-707.
- BELLO, A. (1847): *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos*. Santiago de Chile: Imprenta del Progreso.
- BENVENISTE, E. (1966): «Formes nouvelles de la composition nominale», *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris* 61/1, pp. 82-95.
- BENVENISTE, E. (1967): «Fondements syntaxiques de la composition nominale», *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris* 62/1, pp. 15-21.
- BERNAL, E. (2012): «Catalan Compounds», *Probus* 24, pp. 5-27.
- BISETTO, A. & SCALISE, S. (1999): «Compounding: morphology and/or syntax?», en L. Mereu (ed.): *Boundaries of Morphology and Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 31-48. <http://dx.doi.org/10.1075/cilt.180.04bis>
- BISETTO, A. (2015): «Do Romance languages have phrasal compounds? A look at Italian», *STUF, Language Typology and Universals* 68 (3), pp. 395-419. <http://dx.doi.org/10.1515/stuf-2015-0018>
- BLOOMFIELD, L. (1933): *Language*. New York: Holt.
- BLOOMFIELD, L. (1983): *An Introduction to the Study of Language*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/cipl.3>
- BOOIJ, G. (2005): *The Grammar of Words*. Oxford: Oxford University Press.
- BOOIJ, G. (2009): «Compounding and construction morphology», en R. Lieber & P. Štekauer (eds.): *The Oxford Handbook of Compounding*. Oxford: Oxford University Press, pp. 201-216.
- BOSQUE, I. (1997): «La investigación gramatical sobre el español. Tradición y actualidad», en M. Carmo Henríquez & M. A. Esparza Torres (eds.): *Estudios de Lingüística*. Universidad de Vigo: Depart. de Filología Española, pp. 9-38.
- BUENAFUENTES DE LA MATA, C. (2010): *La composición sintagmática en español*. San Millán de la Cogolla: Cilengua.
- BUENAFUENTES DE LA MATA, C. (2014): «Compounding and variational morphology: the analysis of inflection in spanish compounds», *Borealis: An International Journal of Hispanic Linguistic* 3/1, pp. 1-21. <http://dx.doi.org/10.7557/1.3.1.2828>
- BUSTOS GISBERT, E. DE (1986): *La composición nominal en español*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- DARMESTER, A. ([1874]1894): *Traité de la formation des mots composés de la langue française*. 2<sup>a</sup>. ed., revue et corrigée et en partie refondue, avec une préface par Gaston Paris. Paris: E. Bouillon.

- DARMESTER, A. (1877): *De la création des mots nouveaux dans la langue française et des lois qui la régissent*. Paris: Slatkine reprints. 1972.[reproduction de l'édition de 1877].
- DIEZ, F. (1874-1876): *Grammaire des langues romanes*. Traduit par A. Morel-Fabio e G. Paris. Paris: A. Franck, 3<sup>a</sup> ed. Tome deuxième, livre III, Composition: pp. 377-408.
- FABB, N. (1998): «Compounding», en Spencer, A. & A. M. Zwicky (eds.): *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell, pp. 66-83.
- FÁBREGAS, A. (2005): *The definition of the grammatical category in a syntactically oriented morphology*. PhD. Madrid. [ling.auf.net/lingbuzz/000934/current.pdf](http://ling.auf.net/lingbuzz/000934/current.pdf)
- GAETA, L. & RICCA, D. (2009): «Composita solvantur: Compounds as lexical units or morphological objects?», *Rivista di Linguistica* 21/1, pp. 35-70.
- GONÇALVES, C. A. (2011a): «Composição e Derivação: Polos Prototípicos de um Continuum? Pequeno Estudo de Casos», *Domínios de lingu@gem* 5/2, pp. 63-90.
- GONÇALVES, C. A. (2011b): «Compostos neoclássicos: estrutura e formação», *REVEL* 5, pp. 6-38.
- GONÇALVES, C. A. & ANDRADE, K. E. (2012): «El status de los componentes morfológicos y el continuum composición–derivación en portugués», *Linguística* 28/2, pp. 119-145.
- GRIMM, J. (1826): *Deutsche Grammatik*. Göttingen: Dieterich.
- GROSSMAN, MARIA (2012): «Romanian Compounds», *Probus* 24. pp. 147-173.
- GUERRERO RAMOS, GLORIA (1985): *Neologismos en el español actual*. Madrid: Arco/ Libros.
- GUEVARA, E. (2012): «Spanish Compounds», *Probus* 24, pp. 175-195.
- GUEVARA, E. & SCALISE, S. (2009): «Searching for universals in compounding», en S. Scalise & E. Magni & A. Bisetto (eds.): *Universals of language today*. Berlin: Springer, pp. 101-128. [http://dx.doi.org/10.1007/978-1-4020-8825-4\\_6](http://dx.doi.org/10.1007/978-1-4020-8825-4_6)
- HACKEN TEN, P. (1994): *Defining Morphology. A Principled Approach to Determining the Boundaries of Compounding, Derivation and Inflection*. Hildesheim: Olms.
- HERNANDO CUADRADO, L. A.: «Sobre la formación de palabras en español» ([http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca\\_ele/asele/pdf/07/07\\_0255.pdf](http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/07/07_0255.pdf))
- HÜNIG, M. & SCHLÜKER, B. (2016): «Multi-word-expressions», en P. Müller *et alii*, (eds): *Word-Formation: An International Handbook of the Languages of Europe*. Berlin: De Gruyter Mouton. Vol 1, pp. 450-465.

- IACOBINI, CL. (2004): «Composizione con elementi neoclassici», en M. Grossman & F. Rainer (eds.): *La formazione delle parole in italiano*. Berlin: De Gruyter Mouton, pp. 60-75.
- IACOBINI, CL. & GIULIANI, A. (2010): «A multidimensional approach to the classification of combining forms», *Italian Journal of Linguistics* 22/2, pp. 287-316.
- JACKENDOFF, R. (1990): *Semantic Structures*. Cambridge (MA): The MIT Press.
- JACKENDOFF, R. (1997): *The Architecture of the Language Faculty*. Cambridge (MA): The MIT Press. <http://dx.doi.org/10.1017/S0140525X03000153>
- JACKENDOFF, R. (2003): «Précis of Foundations of Language: Brain, Meaning, Grammar, Evolution», *Behavioral and brain sciences* 26, pp. 651-707. <https://doi.org/10.1017/S0140525X03000153>
- JACKENDOFF, R. (2005): «Compounding in the Parallel Architecture and Conceptual Semantics», en R. Lieber & P. Štekauer (eds.): *The Oxford Handbook of Compounding*. Oxford: Oxford University Press: pp. 105-128.
- KASTOVSKY, F. (2009): «Astronaut, astrology, astrophysics: About Combining Forms, Classical Compounds and Affixoids», en R. W. McConchie & A. Honkapohja & J. Tyrkkö (eds): *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.
- KOTOVSKY, S. & K. BÖER & H. HÄRTL (2012): «Compounds vs. phrases: the cognitive status of morphological products», en F. Rainer *et alii* (eds.): *Morphology and meaning*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 191-203.
- LANG, M. F. (1997): *Formación de palabras en español. Morfología derivativa productiva en el léxico moderno*. 2<sup>a</sup> ed. Madrid: Cátedra. <http://dx.doi.org/10.1097/00002371-199709000-00022>
- LIEBER, R. (1992): *Deconstructing Morphology*. Chicago-London: The University of Chicago Press.
- LIEBER, R. (2004): *Morphology and Lexical Semantics*, Cambridge: Cambridge University Press. <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511486296>
- LIEBER, R. & S. SCALISE (2006): «The Lexical Integrity Hypothesis in a New Theoretical Universe», *Lingue e Linguaggio* V/1, pp. 7-32.
- LIEBER, R. & ŠTEKAUER, P. EDS. (2005): *The Oxford Handbook of Compounding*. Oxford: Oxford University Press.
- MARCHAND, H. (1960): *The categories and types of present-day English word-formation. A synchronic-diachronic approach*. Wiesbaden: O. Harrassowitz. //(1969) 2nd ed. München: Verlag C. H. Beck.
- MASINI, F. (2009): «Phrasal lexemes, compounds and phrases: a constructionist perspective», *Word Structure* 2/2, pp. 254-271. <http://dx.doi.org/10.3366/E1750124509000440>

- MASINI, F. (2012): *Parole sintagmatiche in italiano*. Roma/Cesena: Caissa Italia.
- MASINI, F. & SCALISE, S. (2012): «Italian compounds», *Probus* 24/1, pp. 61-91.
- MEYER-LÜBKE, W. (1895): *Grammaire des langues romanes*. Traduction par Auguste Doutrepoint et Georges Doutrepoint. Tome II *Morphologie*. Paris : H. Welter Éditeur.
- MOYNA, M. I. (2011): *Compound Words in Spanish. Theory and history*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. <http://dx.doi.org/10.1075/cilt.316>
- MONTERMINI, F. (2010): «Units in compounding», en Scalise, S. & Vogel, I. (eds.): *Cross-Disciplinary Issues in Compounding*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, pp. 77-92. <http://dx.doi.org/10.1075/cilt.311.08mon>
- MOTA, O. (1917): *O meu idioma* (2ª ed. Correcta). São Paulo: Weiszflog Irmãos.
- MÜLLER, P. O. & OHNHEISER, I. & OLSEN, S. & RAINER, F. eds. (2016): *Word-Formation: An International Handbook of the Languages of Europe*. Berlin: De Gruyter Mouton. 5 vols.
- OLSEN, S. (2001): «Copulative Compounds. A Closer Look at the Interface Between Morphology and Syntax», *Yearbook of Morphology 2000*, pp. 279-320. [http://dx.doi.org/10.1007/978-94-017-3724-1\\_11](http://dx.doi.org/10.1007/978-94-017-3724-1_11)
- OLSEN, S. (2016): «Composition», en Müller, P. O. *et alii* (eds.): *Word-Formation: An International Handbook of the Languages of Europe*. Berlin: De Gruyter Mouton. Vol 1, pp. 364-384.
- PENA, J. (1999): «Partes de la morfología. Las unidades del análisis morfológico», en I. Bosque & V. Demonte (dirs.): *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Vol. III: Entre la oración y el discurso/Morfología. Madrid: Espasa/Calpe, pp. 4305-4366.
- PENA, J. & IGLESIAS CANCELADA, Y. (2016): «El tratamiento del léxico de especialidade en la BDM: problemas morfológicos», en C. Garriga & J. I. Pérez Pascual (eds.): *Lengua de la ciencia e historiografía*. Anexos de Revista de Lexicografía 35. A Coruña: Universidad de la Coruña, pp. 231-248.
- RAINER, F. (2016), «Spanish», en Peter O. Müller *et alii* (eds.), *Word-Formation: An International Handbook of the Languages of Europe*. Vol 4. Berlin: Mouton de Gruyter. <http://dx.doi.org/10.1515/9783110379082-012>
- RAINER, F. & VARELA, S. (1992): «Compounding in Spanish», *Rivista di Linguistica* 4/1, pp. 97-116.
- RIBEIRO, S. (2010): *Compostos nominais em português: as estruturas VN, NN, NprepN e NA*. München: Lincom.
- RIBEIRO, S. & RIO-TORTO, G. (2016): «Composição», en G. Rio-Torto (coord.) *et alii*: *Gramática derivacional do português*. 2ª edição. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 461-520.

- RIO-TORTO, G. (2012), «Lexical idiomaticity and word processing», en A. Fábregas *et alii* (ed.): *Los límites de la morfología. Estudios ofrecidos a Soledad Varela Ortega*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, pp. 397-412. <https://doi.org/10.15366/l.morfologia2012.024>
- RIO-TORTO, G. (2013): «Nouns in apposition: Portuguese data», *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* 8, pp. 17-38.
- RIO-TORTO, G. (2014a): «Prefixação e composição: fronteiras de um contínuo», *Verba* 41, pp. 103-121. <https://doi.org/10.15304/verba.41.1786>
- RIO-TORTO, G. (2014b): «A prefixação na tradição gramatical portuguesa». *Confluência* 47, pp. 11-39. <http://dx.doi.org/10.18364/rc.v1i47>
- RIO-TORTO, G. (2016): «Prefixação», en G. Rio-Torto (coord.) *et alii: Gramática derivacional do português*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 357-389. [http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0864-8\\_7](http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0864-8_7)
- RIO-TORTO, G. & RIBEIRO, S. (2009): «Compounds in Portuguese», *Lingue e Linguaggio* VIII/2, pp. 271-291.
- RIO-TORTO, G. & RIBEIRO, S. (2012): «Portuguese compounds», *Probus* 21/1, pp. 119-145. 10.1515/probus-2012-0006
- SAID ALI, M. (1931 [1964]): *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3ª ed. melhorada e aumentada. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- SCALISE S. (ed.) (1992): *The Morphology of Compounding*, special issue of *Rivista di Linguistica* 4/1.
- SCIULLO DI, A. M & WILLIAMS, E. (1998): *On the definition of word*. Cambridge (MA): The MIT Press.
- SECO, RAFAEL (1930): *Manual de gramática espanhola*. Madrid: Aguilar [revisada y ampliada por Manuel Seco (1967)].
- SELKIRK, E. (1982): *The Syntax of Words*. Cambridge (MA): The MIT Press.
- SPRENGER, S. A. (2003): *Fixed expressions and the production of idioms*. Njimegen: Max-Plank Institut für Psycholinguistik.
- TITONE, D. & CONNINE, C. (1999): «On the compositional and noncompositional nature of idiomatic expressions», *Journal of Pragmatics* 31, pp.1655-1674. [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(99\)00008-9](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(99)00008-9)
- TORRES MARTÍNEZ, M. (2009): *La prefijación en gramáticas y diccionarios del español (siglos XVIII-XX)*. Tese de doutoramento. Universidade de Jaén.
- VAL ÁLVARO, J. (1999): «La composición», en I. Bosque & V. Demonte (dir.): *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Vol. III: Entre la oración y el discurso/Morfología. Madrid: Espasa/Calpe, pp. 4757-4842.
- VASCONCELLOZ, A. G. R. DE (1990): *Gramática Histórica da Língua Portuguesa (VI e VII Classes do Curso dos Lyceus)*. Paris/Lisboa, Aillaud/Alves; Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte: Francisco Alves.

- VASCONCELOS, C. M. DE (1916): *Lições de filologia portuguesa*. Lisboa: Dinalivro.
- VILLOING, F. (2012): «Compounds in French», *Probus* 24, pp. 29-60.
- VOGUERA, M. (2004): «Polirematiche», en M. Grossmann & F. Rainer (eds.): *La formazione delle parole in italiano*. Tübingen: Niemeyer, pp. 56-69.
- WARTBURG, W. VON (1951): *Problemas y métodos de la lingüística*. Madrid: CSIC.
- ZULUAGA, A. (1975): «La fijación fraseológica», *Thesaurus* XXX/2, pp. 225-248.

